

“The International Relations of Middle-Earth – Learning from The Lord of The Rings”

Resenha do livro

Annie Oviedo

O livro “The international relations of Middle-Earth”, de Abigail Ruane e Patrick James, publicado em 2012, propõe uma introdução às principais teorias e debates dentro da área de Relações Internacionais através de uma análise das personagens (e de suas relações entre si) da obra *O Senhor dos Anéis*. A obra é pensada para estudantes que estão iniciando no campo, mas é uma leitura interessante e enriquecedora para todos. Neste sentido, não se apresenta como um manual introdutório típico, não apenas pelo recurso a uma obra literária como fonte de exemplos, mas também porque busca lançar uma luz inovadora sobre os debates clássicos e, especialmente, sobre a maneira como estes são apresentados aos estudantes.

Na introdução, os autores explicam como sua proposta é a de usar *O Senhor dos Anéis* (LOTR, em sua sigla em inglês) tanto como *luz* quanto como *espelho*: como luz para ilustrar conceitos e debates, e como espelho para oferecer uma visão crítica, além de seu uso como instrumento para estimular o pensamento criativo. A escolha de LOTR como obra de referência se deve à sua imensa popularidade, acrescida nos últimos anos em função do lançamento dos filmes, o que significa que um número consistente de estudantes está familiarizado com a obra, e também ao fato de que Tolkien criou um mundo complexo, rico e no qual as personagens tem compreensão limitada das demais partes do mundo, exatamente como acontece no nosso mundo.

O primeiro capítulo, *Order, Justice and the Middle-Earth*, trata da temática de Ordem e Justiça, e qual o valor destes termos para as Relações Internacionais. Isto significa, de acordo com os autores, colocar duas questões fundamentais: como o mundo pode ser um lugar mais estável? E Como o mundo pode ser um lugar mais justo? Este é um tema proeminente em todo o livro, com discussões sobre como estas perguntas orientam as teorias de Relações Internacionais como sendo *críticas*, ou seja, orientadas para temáticas ligadas à justiça e à mudança do status quo, ou *problem-solving*, com temáticas orientadas para a resolução de conflitos em uma dada Ordem. Os autores trabalham com diferentes tipos de Ordem presentes em LOTR, representados por Mordor, Rivendell e o Condado. O objetivo é demonstrar que, ainda que Ordem e Justiça sejam conceitos diferentes, estão fortemente conectados, visto que cada Ordem tem um tipo de Justiça. O episódio do Conselho de Elrond é mostrado como um momento em que se busca manter a Ordem, ameaçada por Sauron, o que significa que discussões sobre o tipo de (in)justiça vigente ficam em segundo plano diante da possibilidade de dominação de Sauron.

O segundo capítulo, "*Thinking about IR and Middle Earth*", discute sobre as maneiras de se pensar as Relações Internacionais, introduzindo os conceitos de paradigma e modelo de análise (*framework of analysis*). Os autores enfatizam a ideia de que teorias são como diferentes lentes: cada uma foca em certas análises e deixa outras de lado. Neste capítulo, o foco é dado às diferenças entre os paradigmas ditos *problem-solving* e *críticos*, discorrendo sobre sua diferente visão acerca de Ordem e Justiça e sobre as diferenças de metodologia de pesquisa, com enfoque nos níveis de análise para as teorias orientadas para o *problem-solving* (a este método é dedicado, posteriormente, um capítulo) e aprofundamentos acerca de métodos não-positivistas para as teorias *críticas*. É introduzida neste momento a ideia de uma análise sensível às diferenças de gênero em sua construção. Os autores são, porém, enfáticos em afirmar que esta não é uma divisão clara: os pontos em comum são muitos, e as teorias se diferenciam por conta de outros elementos também. Neste capítulo é introduzida a *Miles' Law*: "where you stand depends on where you sit". Este conceito, que é utilizado várias vezes no livro, é importante para explicitar ao aluno que todas as teorias partem de algum lugar específico, e se interessam em explicar determinados fenômenos em detrimento de outros de maneira não casual.

Os primeiros dois capítulos são conceitualmente muito sólidos, e a escrita dos autores é clara e acessível. A escolha destes dois temas indica uma orientação dos autores no sentido de apresentar o campo das RI aos estudantes de maneira diferente da tradicional, com maior espaço para os novos debates e as críticas destes às teorias que, tradicionalmente, ganham mais espaço na academia. Os exemplos literários, nestes capítulos, são interessantes, ainda que possam soar um pouco forçados em certos casos; cumprem, porém, seu papel de simplificar as abstrações teóricas para facilitar sua compreensão.

No terceiro capítulo, “*Middle-Earth and Three Great Debates in International Relations*”, os autores propõem uma introdução aos grandes debates que constroem a base teórica de RI de maneira bastante interessante. Para cada debate, cada uma das teorias em questão é associada a uma raça ou a uma personagem de LOTR. Ao contrário do capítulo anterior, em que os autores utilizam exemplos literários para explicar conceitos, neste existe uma proposta quase que metafórica, o que torna a temática, em geral muito abstrata, concreta e posta em termos facilmente comparáveis. Os autores também deixam claro que, ao associar certas teorias com personagens más, não desejam denegri-las: simplesmente, busca-se uma associação com comportamentos melhor explicados por certo pensamento teórico, e não uma associação de tipo ético. Os autores criticam a exposição tradicional dos debates, com “ganhadores” e “perdedores”, com conseqüente retratação quase caricatural ou marginalizada das teorias consideradas perdedoras. Assim, o Liberalismo Clássico, por exemplo, é representado por Elrond e seu povo: assim como esta teoria reafirma a maleabilidade da natureza humana, e a capacidade do ser humano de aprender, Elrond aprendeu com a história do Anel e sabe que é necessário destruí-lo; em seu Conselho, promove a cooperação entre os povos em vista de um resultado positivo para o futuro, o que demonstra sua convicção de que o progresso é possível, assim como a superação dos erros do passado. O Construtivismo é representado pelos Hobbits, visto que sua sociedade é construída essencialmente sobre normas, não tendo, praticamente, um sistema coercitivo de imposição das mesmas. Suas tradições são centrais para a manutenção da tranquilidade no Condado. Ainda assim, como demonstra seu comportamento no fim da saga, normas podem ser reinterpretadas em função de mudanças no status quo. O Pós-modernismo é representado por

Saruman e sua habilidade com palavras, dada a centralidade da linguagem, neste conjunto de teorias, para definir o poder. O capítulo contém tabelas que resumem as várias posições teóricas. Estas são apresentadas de maneira resumida e simplificada, porém, eficaz para ilustrar os debates passados e presentes no campo. O capítulo tem seções para cada um dos três debates, e a construção metafórica é muito eficaz.

O quarto capítulo, "*Middle-Earth, Levels of Analysis, and War*", discute das causas da guerra, temática central no campo de RI, especialmente para as teorias orientadas para o *problem-solving*: a guerra é a ameaça fundamental à manutenção da Ordem no sistema internacional. Essa perspectiva, porém, notam os autores, tende a minimizar outras fontes de insegurança humana, visto que seu foco é o Estado e sua segurança. Neste capítulo também é introduzida a metodologia dos níveis de análise, visto que é uma das mais utilizadas para compreender as causas da guerra. Ao longo do capítulo, são analisadas a Guerra do Anel, a Primeira Guerra Mundial e a Guerra no Iraque de 2003, em termos de níveis de análise e em perspectiva comparada. É interessante observar que o capítulo, por sua própria estrutura, também oferece insights sobre teoria comparada.

O quinto capítulo, "*Middle-Earth and Feminist Theory*", propõe o uso de *gender-sensitive lens*, ao invés dos níveis de análise, para compreender o espectro inteiro da violência, e não apenas sua expressão na guerra. Neste capítulo são introduzidos conceitos básicos da teoria feminista, além da contextualização das teorias feministas dentro do campo de RI. Os autores apresentam as diferenças entre as teorias, com uma discussão sobre sua Ontologia, Epistemologia e Metodologia. As teorias do campo são discutidas também em relação às diferentes "ondas" feministas, e conectadas a uma personagem feminina de LOTR. Assim, Eowyn, por exemplo, representa o feminismo liberal, cujo enfoque está na busca de bases iguais, especialmente em termos legais, visto que se disfarça de homem para participar da batalha. Neste sentido, Eowyn não está em busca de um novo sistema social em que seu papel, e o dos homens ao seu redor, seja diferente: ela deseja igualdade de condições para participar da guerra. Ao fim do capítulo, os autores buscam pontuar a necessidade de agregar vozes para a construção do saber, visto que uma pesquisa baseada na experiência de um maior número de grupos ou indivíduos permite uma análise mais precisa e uma

perspectiva mais ampla. Além disso, observa-se como “o pessoal é internacional”, no sentido em que as características de indivíduos e grupos, assim como os lugares de onde estes falam, são determinantes para a tomada de decisão estratégica.

O sexto capítulo, “*Middle-Earth and Feminist analysis of Conflict*”, se conecta aos dois anteriores, visto que busca analisar os mesmos três conflitos (Guerra do Anel, Primeira Guerra Mundial e Guerra no Iraque de 2003), utilizando instrumentos conceituais provenientes de análises feministas. Especialmente no caso da Guerra no Iraque, os autores usam conceitos de autoras feministas contemporâneas para observar quais são as contribuições feministas no campo de militarização e segurança e da guerra justa.

É interessante observar o uso das teorias feministas como exemplo de aplicação de metodologias não-racionalistas visto que, normalmente, estas teorias são apenas mencionadas, ou ignoradas, nos livros de introdução ao campo. No fim do capítulo, ressalta-se a ideia de que ser sensível a questões de gênero permite questionar a “naturalidade” de certas relações entre gêneros que, por sua vez, constroem o nosso mundo social, e não apenas focar na “variável de gênero”.

O sétimo capítulo, “*Middle-Earth as a source of Inspiration and Enrichment*”, é pensado para estimular o pensamento crítico sobre as teorias apresentadas ao longo do livro. Em uma perspectiva comparada, os autores discutem as teorias representadas pelas personagens masculinas relacionando-as com as teorias feministas, representadas pelas personagens femininas. Essa relação permite insights interessantes para o pensamento sobre a teoria. Por um lado, personagens de uma mesma raça podem ter comportamentos e necessidades muito diferentes, o que demonstra como o contexto é determinante na análise; por outro, algumas personagens são representativas de uma ideia, outras personagens em conjunto representam uma maneira de pensar e uma só personagem pode representar diferentes teorias. Isso indica que a teoria não se aplica perfeitamente a LOTR o que, por sua vez, nos mostra que a teoria também não se aplica perfeitamente ao mundo, e que ampliar o leque de experiências e perspectivas é necessário para refinar o pensamento teórico. Os autores trabalham este ponto com vários exemplos, retirados tanto de LOTR quanto do mundo real.

A conclusão do livro retoma os temas centrais discutidos ao longo do livro, como a interligação inevitável entre Ordem e Justiça

e a necessidade de perspectivas diferentes para o desenvolvimento do pensamento crítico. Este, aliás, é o conceito central que os autores buscam trabalhar: a necessidade de desenvolver pontos de contato entre as teorias, para poder ampliar o leque de experiências observáveis e, assim, refinar o trabalho analítico. Considerando que o livro é pensado para alunos iniciantes em RI, a mensagem é relevante, pois ajuda a perceber que as teorias não são compartimentos estanques, e que nenhuma delas explica perfeitamente a realidade.

A proposta dos autores de diálogo com uma obra literária também é interessante: por um lado, busca uma maneira inovadora de levar o conteúdo aos alunos que estão começando no campo e oferece uma perspectiva nova àqueles que já conhecem os debates; por outro, propõe uma análise que não é estritamente acadêmica, o que pode trazer insights interessantes.

A leitura é rápida e acessível, mesmo que o livro não tenha tradução para o português, ainda que o uso de LOTR como único exemplo possa ser cansativo em alguns momentos. Neste sentido, alguns dos exemplos que os autores constroem, obviamente, são melhores que outros, e alguns podem parecer um pouco forçados, especialmente se o leitor discorda da interpretação que os autores fazem de certas ações das personagens. Apesar disso, o objetivo de simplificar o acesso a certos discursos abstratos é plenamente alcançado, e o livro é um válido e criativo auxílio para alunos e professores do campo das Relações Internacionais.